

# VICENTE DE PAULO

em dia de S. Vicente de Paulo, a flor de Caridade, cujo aroma embalsama ainda os miseráveis tugúrios da pobreza e ilumina as almas generosas. Tive sempre grande estima por este Santo, de quem rezam as ecónicas sublimes maravilhas de fernura. «Não havia calamidade, conta o breviário, a que não accorresse paternalmente. Os fiéis oprimidos sob o jugo dos turcos, as crianças expostas, os rapazes desordeiros, as virgens em perigo, as monjas dispersas, as mulheres perdidas, os condenados a trabalhos forçados, os peregrinos enfermos, os operários inválidos, os próprios dementes e os inúmeros mendigos, sempre encontraram nele carinhoso amparo e protecção».

Pai dos pobres, defensor dos oprimidos, fortaleza dos vencidos, agasalho dos sem amparo, Vicente de Paulo bem merece não só agradável homenagem de quantos sofrem, como profundo reconhecimento dos que sentem na alma o azorrague implacável da fome e sede de justiça.

A sua memória sugere-nos, por isso, que falemos, oportuna e importunamente, como ensinava S. Paulo, quere dizer, a propósito e a despropósito, do grave dever de fraternidade humana, dos laços de solidariedade cristã que a todos nos deve unir na obra primacial da Assistência aos nossos irmãos necessitados.

E uma coisa convém desde já recordar, isto é, que não poderá haver verdadeira assistência onde não houver o espirito dum Vicente de Paulo. Com effeito, não há preceito maior na Lei de Deus do que este de se debruçar carinhosamente sobre as lágrimas dos que sofrem, não para as recolher em lenços de setim, mas sobretudo para, virtilmente, lhas arrancar dos olhos: não chores mais, que nós faremos tudo, a fim de te dar a alegria de viver, e de connosco poderes cantar o cántico da Vida!

Os nossos avós tinham da Assistência uma visão mais humana e mais cristã. Lembravam-se da Escritura e da inspirada severidade das Sagradas Letras: saquele que despreza o pobre insulta o seu Criador». E sabiam de cór a palavra do Autor dos Provérbios: «Oferecer a Deus sacrificios com o dinheiro dos pobres ou com o salário dos trabalhadores, é como que degolar um filho na presença do seu pai».

Eles viam, os nossos avós, na pessoa do pobre e do aflito, a imagem dolorosa de Cristo crucificado, e sabiam, no dizer da Escritura, que Deus há-de trespassar a alma de quem os fizer sofrer. A Assistência de então era Assistência dignificadora, generosa, desinteressada e humana.

Infelizmente, ninguém hoje sabe ler as Escrituras. E a Assistência serve de pretexto para bailes e divertimentos, para modos de vida, como qualquer outro, para fazer politica de partido — como tantas vezes se viu fazer — enquanto os clamores dos pobres continuam a subir ao trono do Deus dos Exércitos, a clamar vingança ao Céu. Foi tal a corrupção do pensamento cristão operado nos últimos tempos, que chegou a Assistência a cair em tão horroroso desleixo, que muito difficilmente poderá recompor-se no seu primitivo e verdadeiro espirito. Não justifica, porém, este estado de coisas que não se faça um esforço sobrehumano para a reconduzir, contra tudo e contra todos, à sua verdadeira função de auxiladora dos necessitados.

«Insta oportuna e importunamente», exclama S. Paulo, e creio bem que raras vezes tão necessário será fazê-lo como neste caso da Assistência. Desprezar as lágrimas dos pobres, não acudir aos gemidos dos órfãos ou das viúvas, ou adoptar nas obras de Assistência o critério administrativo duma industria ou de uma casa de comércio, é preciso dizê-lo, é insultar e desprezar o mesmo Deus, Criador e Senhor de todos nós. Em verdade, temos para nós não ser mais culposo o gesto de Horozas ao mandar decapitar os inocentes, do que a nossa intelligência em deixar definhir e morrer as criancinhas que outro leite não têm senão o que lhes der a nossa caridade. Quantas efectivamente morrem só porque não as quisemos salvar? Ai o demonstram as estatísticas, e mais do que elas — porque são mortas — os casos vivos, as lágrimas de tantas mães,

cujos clamores não abafamos em montanhas de papéis.

A Assistência tem hoje uma tecnica, adaptada às circunstâncias da vida moderna, produtiva e regeneradora, que, felizmente, começa a ser compreendida entre nós. A Misericórdia de Lisboa, por exemplo, começou a adoptá-la com a criação de Centros Sociais, cujo rendimento assistencial é verdadeiramente consolador. Basta, para o demonstrar, ouvir os necessitados atendidos e amparados pelos Centros e o afã com que procuram ir habitar, mesmo em piores condições, nas áreas cedidas por eles. Não há lá mais dinheiro, nem mais amparo material. Há apenas Assistência. E isto basta.

Pena é que não esteja tão a cidade de Lisboa, e o País inteiro, servidos já pelos Centros Sociais. Infelizmente, nem os poucos existentes dispõem do indispensável para serem verdadeiramente rendosos. Um dia lá chegaremos. E então é de esperar que comecemos a deixar de se considerar a função assistencial como modo de vida, ou fonte de receita semelhante às outras, mas como um serviço social, sacrificado e humilde, segundo o espirito de S. Vicente de Paulo, cuja festa nos sugeriu este artigo.

ABEL VARZIM